

Dar-se uma vida: autobiografia como metodologia filosófica no jovem Nietzsche

Fabiano de Lemos Britto¹

Resumo: No imbricamento entre a dimensão estilística e o conteúdo positivo das teses filosóficas de sua obra, a *autobiografia* surge para Nietzsche como o dispositivo segundo o qual ambos se reúnem, tornando-se indissociáveis. Esse procedimento é evidente em textos como *Ecce Homo*, mas está presente em textos muito mais antigos, como as tentativas autobiográficas de sua época de estudante secundarista. A análise do surgimento, nesse momento, do problema da escritura de si mesmo como prática político-filosófica pode nos levar a propor um princípio estratégico coerente para a leitura dos escritos de Nietzsche como “obra”.

Palavras-chave: Nietzsche – autobiografia – *Bildung* – metodologia filosófica.

Poucos autores em filosofia foram objetos de apropriações tão numerosas e diversas quanto Nietzsche – da leitura nazista de Bäumler, no começo do século XX², às interpretações de Deleuze, Foucault e Derrida, na França imediatamente pré e pós-maio de 1968, um grande esforço interpretativo colocou em disputa o sentido desse difícil arquipélago que se convencionou, não de forma unívoca ou definitiva, chamar sua “obra”. A maior dificuldade dessa tarefa – e indicá-la tornou-se um lugar-comum entre os comentadores de Nietzsche nas últimas décadas – se deve, em grande parte, à própria resistência que esse grupo de textos oferece em fornecer um critério de unidade constante ou, ao

¹ Doutorando em filosofia política na UERJ. Orientador: Prof. Dr. Ricardo José Correa Barbosa. E-mail: fabianolemos@gmail.com

² Cf. Montinari (1999).

menos, uniformemente indexável. Nesse sentido, é impossível abordar esses escritos sem que se decida, antes, que tipo de intenção se procura fazer funcionar em seu interior, e mesmo uma proposta como a da edição das obras de Nietzsche precisa levar em conta seu risco – é Derrida quem levanta esse problema, questionando o critério de unidade que está em jogo na mais recente dessas edições.³

Do ponto de vista estilístico, a herança romântica do fragmento como forma filosófica – recebida, ainda que difusamente, através de Novalis ou Schlegel⁴ – adotada e redimensionada em textos como os de *A gaia ciência*, parece se contrapor, ponto a ponto, ao condensado caráter argumentativo de *O nascimento da tragédia* ou das *Considerações extemporâneas*. É verdade que entre a pesquisa sobre as fontes de Diógenes Laertios, que Nietzsche havia elaborado ainda como estudante de filologia em Leipzig (*De Laertii Diogenis fontibus*, publicado em 1868) e o cuidadoso e extenso índice que elaborou para o *Rheinisches Museum für Philologie* a pedido de seu professor Friedrich Ritschl (publicado em 1872), se impunha uma certa intenção sistemática a seus textos. Algo dessa tendência se observa nos incontáveis planos, fatalmente abandonados, de concluir grandes séries de textos, que forneceriam uma visão ampla e aprofundada de suas reflexões filosófico-estéticas.⁵ Mas Lacoue-Labarthe conclui, contudo, que esses seriam os únicos esforços levados a cabo no sentido de dar uma forma não fragmentária a um de seus textos, e, nesse caso, o livro sobre a tragédia seria “no limite, o único ‘Livro’ de Nietzsche”.⁶

Tudo isso parece se complicar se levarmos em conta que a dimensão estilística de uma obra não era, para Nietzsche, extrínseca ou de natureza diversa do conteúdo positivo que ela deveria veicular: entre o estilo e as teses de um trabalho, portanto, uma forma de tangência elíptica impossibilita que se analise o primeiro sem que as últimas surjam no horizonte da análise – e vice-versa. O estilo deve ser o difícil trabalho de

3 Cf. Derrida (1978a, p. 104).

4 Adrian Del Caro relativizou recentemente essa influência – cf. Del Caro (1989, p. 161).

5 Nietzsche, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (doravante citada como KSA), Bd. VIII, pp. 754-755.

6 Lacoue-Labarthe (1971, p. 57).

recondução da língua ao seu caráter originário, ele é o resultado de um certo espaço para onde a narrativa é conduzida, onde, entre conteúdo e forma, já não é possível distinguir um do outro. O *performativo*, que muitos comentadores de Nietzsche pretendem assinalar como o procedimento-chave de seu discurso filosófico como um todo, assume aqui uma função bastante específica – a de tornar presente, a partir de um *gesto discursivo*, a própria origem à qual esse discurso se refere. Nietzsche concebe, assim, uma defesa do “estilo apresentado estética e empiricamente, que se compara a uma performance estética, como uma arte que se reflete como a demonstração e a produção encenadas”⁷.

Tal concepção, como na maioria das idéias desenvolvidas a respeito do uso da língua alemã, pode ser assinalada como, em maior ou menor medida, inscrita na visão geral defendida por Schopenhauer. É bom lembrar que o conceito de *estilo* ocupa um lugar fundamental na avaliação que este último faz da produção literário-filosófica da Alemanha de sua época, e se o nega a esta, como signo de sua decadência, é porque a ela lhe falta aquilo que ele define como “a fisionomia do espírito”: pois “o estilo mostra o caráter formal de todos os pensamentos de um homem (...)”.⁸ Muitas passagens de sua obra insistem na predominância estratégica do estilo sobre o conteúdo positivo dos trabalhos de um autor: “*Para se fazer uma primeira avaliação acerca do valor [Werth] do produto intelectual de um escritor, não chega a ser necessário saber sobre o que ou o que ele pensou; para isso seria necessário que se lesse profundamente toda sua obra – ao invés disso, basta saber apenas como ele pensou*”.⁹

Assimilando, portanto, como divisa a máxima de Buffon, *Le style c’est l’homme même* [O estilo é o próprio homem], a própria idéia de *obra* em Nietzsche comporta em seu núcleo a questão intermitente da *autobiografia*. Se o ato da escritura – assim como seu resultado – está investido por essa compreensão do escrever como escrever *sobre si*, *em torno* de si e *a partir* de si, toda tese filosófica é, em última análise, uma narrativa

7 Simonis (2001, p. 58).

8 Schopenhauer (1877, p. 550).

9 Ibidem.

memorial. Esse dispositivo é evidente em obras como *Ecce Homo*, mas pode ser observado em textos muito anteriores, em suas tentativas de escrever uma autobiografia de sua época de estudante secundarista em Pforta. O que esses trabalhos juvenis articulam é bem mais que o conteúdo ingênuo de que eles pretendem dar conta, às vezes de forma anacrônica: eles funcionam, antes, como protocolo de leitura para um procedimento filosófico que insistirá sobre a autobiografia como propedêutica, como método, mas também como escatologia para um pensamento ocupado com sua superação e seus limites.

É desnecessário insistir sobre o fato de que não se trata aqui, absolutamente, de reconstruir, ainda que como em sobrevôo, uma biografia, pessoal ou intelectual. Essa tarefa está, invariavelmente, aberta. E é nesse sentido, como uma tarefa que se impõe indefinidamente, e não como resultado monolítico mais ou menos legítimo, mais ou menos autorizado, mais ou menos científico, que Nietzsche compreendia essa escritura: uma prática filosófica, política, de si mesmo. Desde muito cedo a questão da relação entre *biografia* e *pedagogia*, ou antes, entre o desenvolvimento histórico de uma vida e o percurso de sua formação intelectual-espiritual, sua *Bildung*, em um sentido amplo, se apresentou para Nietzsche. Na realidade, toda sua filosofia pode ser entendida como uma tentativa sempre retomada de elaborar a difícil relação entre o *tornar-se*, como indica o subtítulo de *Ecce Homo*, e o *formar-se*. É essa a razão pela qual as recentes análises de Nietzsche, como lembra Volker Gerhardt, têm “situado Nietzsche na conexão entre as considerações sobre a vida e sobre o ato de escrever”.¹⁰ O olhar retrospectivo de Nietzsche na direção de sua infância, e, mais tarde, de toda sua vida, assumiu ao longo de sua obra filosófica a função de uma dinâmica capaz de fazer emergir boa parte dos problemas que ela discute. É o caso, por exemplo, de Joergen Kjaer, que, tomando como exemplo as interpretações de Deleuze e Richard Rorty, pretende sustentar a tese de que “Nietzsche vivenciou o fato de sua origem [*Herkunft*] e de sua socialização como uma contingência estranha, e que não quis se conformar a elas sob nenhuma circunstância”; assim, “essa recusa representa um

10 Gerhardt (1992, p. 30).

problema fundamental de sua vida e de sua filosofia”.¹¹

Os diferentes desenvolvimentos dados ao projeto de uma autobiografia, desde o mais antigo documento de que dispomos, até o momento em que Nietzsche reorienta tal projeto em função do fim de um ciclo – o que o caracterizava como estudante secundarista [*Schüler*] – e o início de outro – o de *Student*, de aluno universitário, perfazem uma trajetória extremamente importante para as questões que se colocarão ao professor universitário em seguida. Trajetória que pode ser demarcada, de forma estratégica, cronologicamente. Entre 1856 e 1864, Nietzsche escreve, segundo os registros que ainda sobrevivem, ao menos oito tentativas de autobiografia. Elas figuram entre alguns outros fragmentos de caráter autobiográfico, tentativas abandonadas de memórias, lembranças ou relatórios escolares de viagens, mas esse pequeno conjunto se sobressai por seu caráter mais abrangente. Outros textos de Nietzsche desse período e do que imediatamente lhe segue se detêm, sobretudo, em narrativas sobre seus anos letivos escolares, que podem ser lidas como relatórios. É o caso de *Retrospectiva de meus dois anos em Leipzig* [*Rückblick auf meine zwei Leipziger Jahre*], de 1868. De dimensão variável, mas nunca extremamente longa, algumas vezes interrompidas subitamente, numa linguagem que varia entre a afetação poética e uma descrição pormenorizada dos fatos, a primeira delas surge em 1856, ainda sem título. A esse rascunho dos doze anos seguem-se os textos que recebem, enfim, o reconhecimento de sua natureza, com o título que varia pouco, entre *Mein Leben* [*Minha vida*] e *Mein Lebenslauf* [*Minha trajetória de vida*]. *Lebenslauf* designa, também, uma espécie de *curriculum vitae*, próximo daquilo que em português conhecemos como *memorial*, em que o autor se apresenta, através de uma pequena dissertação sobre sua vida, como candidato a um cargo qualquer, a uma bolsa de estudos a uma vaga em uma universidade. Um dos exemplos desse uso do *Lebenslauf* pelo próprio Nietzsche nos é fornecido na narrativa anexada à carta de 1º de fevereiro de 1869 ao professor Wilhelm Vischer-Bilfinger, diretor do Conselho de Professores da Universidade de Basileia, por ocasião de sua candidatura à cadeira de Filologia

11 Kjaer (1994, p. 213).

Clássica, que passaria a ocupar logo depois. Com algumas escassas variáveis, os fatos narrados nesses textos remontam à infância em Naumburg após a morte prematura do pai e a vida como estudante, até o período do *Gymnasium* de Pforta. Mas a monótona repetição que os atravessa perde em importância diante da considerável modificação no sentido que Nietzsche vê nessas suas lembranças e no empreendimento de tomar nota delas, na medida em que se sucedem. São os motivos que determinam a tarefa que se deixarão entrever no modo como ela se realiza; eles construirão o *sentido* de uma escritura autobiográfica, do qual se lançará mão mais tarde, no âmbito de uma reflexão filosófica.

O fato de que Nietzsche, desde os doze ou quatorze anos, já se proponha o problema de sua *biografia*, e encontre nele um lugar central para o tema da *Bildung*, por si só, não representa em nada algo excepcional. Isso por, pelo menos, dois motivos. Em primeiro lugar, por se apresentarem, formalmente, como textos que, talvez, respondiam apenas aos exercícios escolares requeridos em Pforta. A cronologia de seu surgimento parece confirmar essa hipótese. Em segundo lugar, a relevância da *cultura* e da *formação cultural* em uma biografia pode ser entendida como o modelo geral para esse tipo de empreendimento literário que se encontra nas raízes de nossa modernidade, especialmente no romantismo alemão, embora se estendam muito além dele: entre o jovem Werther, de Goethe, e o jovem Törless, de Musil, a herança intermitente de uma questão se apresenta para esses que, como Nietzsche, mal deixaram para trás os anos da infância¹². Mas não é a uma possível *originalidade* de Nietzsche que fazemos apelo; talvez seja, muito antes, o contrário. E a natureza escolar desses escritos nada depõe contra o que nos interessa fazer surgir: ela se oferece mesmo como *ocasião* para verificarmos o modo como Nietzsche revela ao seu leitor, seja o professor ou um olhar anônimo qualquer, a imagem de sua vida. E se falamos de imagem, *Bild*, é para lembrarmos sua íntima afinidade com a *Bildung*, a imagem anterior, a imagem *em formação*: é essa, e não a *memorabilia* precoce de Nietzsche, que deverá tomar, aos poucos, o lugar no procedimento autobiográfico. É precisamente para promover no jovem aluno

12 *Werke in drei Bänden*, Bd. 3, p. 3 – doravante abreviada simplesmente como *WdB*, seguida do número do volume e da página *WdB* III, 13.

a sua transformação naquilo que ele é que o exercício escolar, monótono e repetitivo, deve intervir. Mais tarde, a insistência com que seus textos exaltarão esse modelo de *disciplina* [*Zucht*] como o único capaz de realmente *formar*, como a resposta para uma pretensão de autonomia [*Selbständigkeitsdünkel*], responsável pela miséria intelectual dos estabelecimentos de ensino, não deixará nenhuma dúvida quanto à relação de Nietzsche com esse passado¹³. O que essa disciplina faz surgir *em* Nietzsche, como sua vida e sua história intelectual, eis o que o percurso das autobiografias nos permite tentar responder.

Deve-se acrescentar a essa argumentação o fato de que, de acordo com vários indícios, Nietzsche fez da tarefa da autobiografia também um assunto privado. Em carta a Wilhelm Pinder de 28 de novembro de 1858¹⁴ e à sua mãe, datada do dia seguinte¹⁵, Nietzsche faz referência aos cadernos *in-octavo*, que gostaria de usar para escrever sua biografia, em uma lista de presentes de Natal: junto ao *Réquiem* de Mozart e às *Estações* de Haydn, encontramos esses “*Oktavebücher für meine Biographie*”. Pouco depois, em meados de fevereiro do ano seguinte, em outra carta a Pinder, Nietzsche envia um parágrafo narrando sua partida da Naumburg por ocasião de seu exame de admissão em Pforta – o que ocorrera pouco mais de um ano antes – e que deveria se seguir de outras folhas que comporiam sua biografia.¹⁶ Por fim, em carta à mãe escrita entre abril e maio de 1861, Nietzsche lhe solicita que lhe envie de casa sua “biografia”, pois precisa entregar em Pforta uma redação sobre esse tema. Esses dados são suficientes para tornar relativa a pertinência do exercício de autobiografia às tarefas escolares, de Naumburg ou Pforta.¹⁷

13 *KSA*, I, 740: “Tempo feliz aquele onde os jovens eram suficientemente sábios e cultivados [*weise und gebildet*] para poderem manter a si mesmos sob rédeas [*um sich selbst am Gängelbände führen zu können*]! Insuperáveis Ginásios, que conseguem implantar a autonomia lá onde outras épocas acreditavam dever implantar a dependência, a disciplina, a submissão, a obediência [*Abhängigkeit, Zucht, Unterordnung, Gehorsam*] e afastar qualquer pretensão de autonomia [*Selbständigkeitsdünkel*]”.

14 *Briefwechsel*, Bd. I-1, pp. 31-32, doravante citada como *KGB*, seguida da numeração do volume e das páginas, respectivamente.

15 *KGB*, I-1, 33.

16 *KGB*, I-1, 47-50.

17 *KGB* I-1, 155-156.

A princípio, os temas da formação cultural, da escola e de sua função, ainda se vinculam de maneira pouco refletida, quase sazonal, ao empreendimento da autobiografia. O primeiro texto de memórias, de 1856, revela uma outra preocupação: a de resgatar uma história pessoal que ameaça, incessantemente, se apagar para sempre –

Finalmente minha decisão [*Entschluss*] está tomada; escrever um diário em que se transmita tudo à memória, quer tenha afetado o coração alegre ou tristemente, para lembrar ainda, após anos, da vida e das atividades dessa época, especialmente das minhas. Possa essa decisão não se tornar vacilante, ainda que consideráveis obstáculos se coloquem no caminho.¹⁸

O ciclo das autobiografias juvenis de Nietzsche se inicia, então, por esse gesto difícil que é a decisão de narrar a si mesmo, ou a um possível leitor interessado, o movimento de *uma* vida, de suas atividades [*Treiben*, no sentido de ocupações]. O diário se apresenta, portanto, como o resultado de uma decisão, cuja necessidade há muito tempo já havia sido pressentida. Essa dificuldade é imanente ao que há de fundamental no projeto, pois a redação dos dias e de seus trabalhos só é possível no momento em que se abandona a força do tempo que tende ao completo esquecimento. A autobiografia, cuja forma elementar é o diário, constitui esse salto para fora do tempo, para o lugar mesmo em que se encontrará o personagem principal da narrativa, apenas adivinhado entre as linhas. Em 1858, em um outro texto semelhante, a posição é confirmada: é preciso, enfim, resgatar a vida que não pára de se perder:

Quando se é adulto, lembramos habitualmente apenas dos pontos mais marcantes [*der hervorragendsten Punkte*] da primeira infância. Ainda não sou realmente adulto, mal deixo para trás os anos da infância e da meninice [*Kindheit und Knabenzeit*], e, no entanto, muitas coisas já me desapareceram da memória, e o pouco que disso lembro foi aparentemente conservado apenas através do que se contou

18 *WdB*, III, 9.

[“*nur durch Tradition*”: literalmente, “apenas através da Tradução”].¹⁹

Tudo isso sublinha a dificuldade da *decisão*. Primeira tentativa autônoma, primeiro afastamento voluntário de uma tradição que se instaura apenas no limite do verossímil, ou do provável. Não que esse afastamento coloque em questão a relação de Nietzsche com uma tradição no sentido mais amplo; trata-se mesmo de um afastamento necessário, *da* tradição, e *em seu próprio seio*. Pois tomar para si o fio narrativo da vida, poder assinar sua própria biografia, ao final de uma ponderada reflexão sobre o passado, eis o exercício imposto ao bom protestante de então, como lembra Jean-Louis Backès: “Ela [a autobiografia] não serve, nesse meio protestante, de substituto ao exame de consciência que em outra parte, na Igreja romana, supõe a confissão?”²⁰ Herança paterna, sobretudo, essa *apropriação* mantém sua dupla acepção: um *tomar para si* e um *tornar próprio*; dar-se uma vida e dar a ela um nome.

Mas há algo para além da autobiografia que, contudo, se anuncia *nela* exatamente em suas primeiras versões, e que se desloca, em seguida, do domínio das memórias para um domínio mais amplo de reflexão. Trata-se de uma política da memória, ou antes, de uma *política do esquecimento*. O motivo inicial da autobiografia, através do registro da lembrança, anuncia uma formulação que é, ao mesmo tempo, base conceitual e axiomática para a produção intelectual de Nietzsche em seu período em Basiléia. A leitura de *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, texto elaborado por Nietzsche à margem da primeira *Consideração extemporânea*, em 1872, indica a perspectiva segundo a qual o esquecimento [*Vergessenheit*] recobre o espaço múltiplo e caótico das intuições originárias para fazer valer uma outra origem, conceitual, abstrata, metafórica²¹. É quando o homem esquece a primeira origem, quando ele faz valer o tempo da *tradição*, do que se convencionou dizer, que ele perde a realidade de seu mundo – e só poderá recuperá-la ao fazer valer, igualmente, um outro tempo, o que retorna à verdadeira

19 *WdB* III, 13.

20 Backès (1994, p. 10).

21 *KSA* I, 878-879 e ss.

origem para tomar posse dela. Embora alguma frágil continuidade possa ser desenhada, estamos aqui bem longe da política do esquecimento ativo de 1887, quando a *Genealogia da moral* pretenderá ver no esquecimento não a “*vis inertiae*”, mas a força *produtiva* que orienta o ato de criação, que recusa a promessa e o comprometimento moral da responsabilidade²². O encadeamento esquecimento–origem abstrata–tradição se opõe, ponto a ponto, ao mais tardio, esquecimento–amoralidade–liberdade. Ao socorro do primeiro, deveria vir a memória, o procedimento-chave já presente na autobiografia juvenil; o segundo, uma vez perdida a ilusão do nome próprio e apagada a assinatura, será a resposta de uma *genealogia*.

Essa motivação, entretanto, deverá se apagar do domínio da tarefa autobiográfica seguindo o movimento mesmo pelo qual ela passa a atravessar outras esferas do pensamento de Nietzsche. Deslocamento que nos faz reconhecer a mudança: aos poucos, a autobiografia encontrará seu núcleo na questão da *Bildung*. A vida como coletânea de fatos empíricos, eternamente fixados, tornados estáticos pelo registro da lembrança, deverá ceder lugar a uma descrição *móvel* dos processos de formação cultural e a uma reflexão em torno deles.

Um exemplo dessa progressiva modificação se dá no modo como Nietzsche opera a autocrítica de seu trabalho poético. Em 1858, ao narrar seus anos de juventude (*Die Jugendjahre, 1844 bis 1858*, subtítulo dado por Nietzsche a sua biografia de então), Nietzsche traça o desenho de sua produção poética até a data: três fases distintas, classificadas de acordo com o estilo e com a forma²³. Sua autocrítica se detém longamente sobre a ocasião e o modo de composição íntimo desses poemas, e nos fornece uma lista com os principais deles. Durante muito tempo ainda, essas listas de trabalhos já executados – produção poética, ensaística, musical – constará de seus cadernos. Mas algo se transforma sensivelmente poucos anos após essa primeira tentativa de crítica regulada pela forma e pela história emocional de cada verso: em 1862, dois curtos parágrafos dão conta de um novo procedimento, agora explicitamente relacionado ao tema da educação –

22 KSA V, 291-293.

23 WdB III, 21 e 35.

Peço, inicialmente, que as considerações de minhas próprias poesias não sejam entendidas como vão interesse pessoal [*eitles Selbstinteressantsein*]. Estou bem longe do tempo em que tentava representar através dos efeitos delas sobre mim, para escrever críticas auto-satisfatórias. Pelo contrário, penso em mostrar não como se é poeta, se nasce [poeta], mas como alguém se torna poeta, quer dizer, como, pelo assíduo trabalho de rima [*Reimschmied*], à medida de uma crescente habilidade espiritual, pode-se tornar, finalmente, um pouco poeta.(...)

Não é somente interessante, mas sobretudo necessário, colocar diante dos olhos, tão fiel quanto possível, o passado, especialmente os anos de infância, pois nunca podemos chegar a um juízo claro sobre nós mesmos se não considerarmos suficientemente as circunstâncias em que fomos educados [*wir erzogen sind*] e medirmos sua influência sobre nós.²⁴

A nova crítica surge no momento em que a *história natural*, o quadro geral das classificações, cede lugar ao procedimento *biológico*, atento aos movimentos subterrâneos, ao trabalho silencioso do tempo que se escoia sob a superfície meramente histórica. A época da crítica auto-satisfatória, das memórias afetivas, insiste Nietzsche sob forma de apelo ao seu leitor, está longe – e assim ele nos anuncia uma ruptura, ou talvez, um alargamento. Através de uma intenção autocrítica precoce – e que se estenderá por toda sua obra – encontramos a tensão que une, pela primeira vez, a *biografia*, sob a forma de uma *biologia*, e a pedagogia.

Toda essa nova economia da tarefa crítica estará à frente das considerações de *Mein Lebenslauf* em maio de 1861; pode-se afirmar que ela é sua origem. O que as memórias devem garantir agora, contra a força do esquecimento e de sua terrível política, está para além dos gestos individuais: a imagem que agora se mostra urgente não é a do contorno estável, mas a do caminho subjacente, a da *Bildung* enquanto processo.

24 WdB III, 107-108.

É nesse sentido que as memórias abandonarão a preocupação com o traço, com o desenho cada vez mais preciso na direção da verossimilhança, e deverão reconstruir a ordem do percurso intelectual, espiritual – Nietzsche passa a escavar a imagem de seu passado no sentido de sua profundidade. Por princípio, a legitimidade da biografia se sustenta: qualquer um que tenha em vista seu próprio desenvolvimento espiritual e intelectual não pode simplesmente “achar desinteressante examinar o passado e relacionar os pensamentos [*Gedanken*] sobre seus eventos mais importantes.”²⁵ Mas é o modelo biológico que aqui se apresenta de modo extremamente claro:

Pois, tanto quanto os germes de nossas disposições morais e espirituais já estão enterrados em nós e o caráter fundamental [*Grundcharakter*] de cada homem é como que inato, também as influentes circunstâncias exteriores, que em sua grande diversidade afetam mais profunda ou mais ligeiramente os homens, os forma como homens, tanto em relação à moral quanto ao espiritual.²⁶

Se o ateliê do escritor se transforma no laboratório de um biólogo é, essencialmente, porque Nietzsche não pode mais se contentar em apresentar os quadros de sua história pessoal; ele precisa analisá-los, refletir sobre eles em seu conjunto, deve reenviar a série de eventos e toda sua multiplicidade a um estado embrionário que se combina a essas “influentes circunstâncias exteriores” para revelar a identidade que se forma. O simples retrato esconde a principal característica da vida: sua dinâmica.

Devemos insistir ainda sobre o quanto a descrição dessa dinâmica – da vida, da *Bildung* – se conecta ao tema sorrateiramente obsessivo da *origem* [*Ursprung*, mas também nascimento, *Geburt*]? O trabalho paciente do biólogo-biógrafo – análise, composição, enfim, uma leitura em aprofundamento – não pode se livrar desse *pathos* da origem. Mais tarde, o interesse de Nietzsche pela filologia estará comprometido com

25 *WdB* III, 88.

26 *Ibidem*.

essa mesma inclinação. Podemos encontrá-la de forma menos implícita, ainda – mas não menos importante – na recepção de sua leitura de Schopenhauer, que em certo sentido, promove em Nietzsche a passagem do problema da *origem* de uma abordagem filológica para outra, mais ampla, precisamente filosófica. O problema da *origem* apresenta-se no centro da temática filosófica de Schopenhauer como um todo. Ele direciona, em um sentido muito amplo, suas investigações no âmbito da teoria do conhecimento – e acaba por promover, através de uma interpretação bastante particular da filosofia de Kant, uma reflexão que, sob muitos aspectos, poderia ser compreendida como *genealógica*.²⁷ O *pathos* da origem passa a animar toda a tarefa de interferir na política do esquecimento; já não basta fazer funcionar, contra esta última, a maquinaria da memória, pura e simplesmente – a *interpretação* deve substituir o *registro*. A origem que Nietzsche, nos anos de juventude, e até os primeiros anos em Basileia, pretende fazer surgir é da ordem do universal: ela diz respeito a qualquer um, ao homem, à sua formação. A coletânea das memórias deve promover, a partir daí, um redimensionamento, deve erguer a vida íntima ao interesse público – nunca podemos esquecer que é a um leitor que Nietzsche se dirige, seus textos autobiográficos quase sempre se distinguem de notas pessoais – deve superar a curiosidade particular.

“Como se desenhar a imagem de um homem que se conheceu?”²⁸ A autobiografia nasce explicitamente dessa questão e essa emergência solicita a elaboração de um método próprio; mas em 1863 ela precisa repensar sua tarefa: é a imagem que se torna problemática aqui. Inicialmente, lembra Nietzsche, podemos traçar a fisionomia característica de cada um, riscar o mapa dos relevos, descrever a cor do céu²⁹. Mas esse modelo mineral, inorgânico, apenas descritivo, resulta no relatório de um mundo morto – nele, nada se *singulariza*, pois nada está dotado de vida. As rochas e as massas montanhosas possuem a mesma fisionomia, a mesma imagem, em latitudes diferentes: por isso a biografia não pode ser uma *cartografia*. O biólogo precisa do particular para erguê-lo ao

27 Cf. Rosset (1967, p. 1-61).

28 *WdB* III, 107.

29 *Ibidem*.

universal; sem isso, seu trabalho é apenas o de um colecionador, e o que ele coleciona interessa apenas a ele. A grande dificuldade, e, ao mesmo tempo, a maior tarefa que Nietzsche precisa se colocar é reconciliar um conjunto de informações que apenas interessa a ele próprio³⁰ com sua inscrição em um conjunto maior, capaz de suscitar a atenção dos que têm a evolução moral e espiritual como preocupação. Somente nesse sentido podemos considerar o aparente paradoxo de *Mein Leben*, de 1863, quando lemos no que seria o primeiro rascunho de sua introdução: “Parece, segundo essa introdução, que eu gostaria de escrever um livro sobre minha vida. Jamais. O que gostaria, entretanto, de indicar, é como gostaria que os esboços de vida [*Lebensumrisse*] que seguem fossem compreendidos”.³¹ Tudo o que seguirá, toda a história pessoal dos dezessete anos de Friedrich Nietzsche, nada poderá ensinar por si só: somente essa introdução, ao indicar um modo de leitura, recuperará seu significado universal. O núcleo pedagógico da autobiografia se deslocará, portanto, para esse questionamento sobre *como ler*, que Nietzsche deverá sugerir aos que o acompanham, antes mesmo de iniciar o espetáculo, talvez enfadonho, de suas memórias.

Não um livro sobre sua própria vida, mas um livro sobre a vida em geral, e sobre como a sua história pessoal se forma nela. Um livro sobre a *Bildung*, cujo modelo orgânico nos remete à figura do biólogo, e agora, explicitamente. Pois o modo de leitura é indicado por ele:

A saber, como um naturalista perspicaz [*geistvoller Naturforscher*], ao reconhecer a história e as características de cada uma de suas coleções de plantas e pedras, ordenadas segundo as regiões; enquanto a criança ignorante só encontra aí pedras e plantas para jogar e brincar, e o homem pragmático [*Nützlichkeitsmensch*] despreza, como algo sem finalidade para a alimentação ou para se vestir.³²

30 Em *Mein Lebenslauf* [III], de 1861, Nietzsche reconhece o impasse: “Mas esses eventos são mesmo significativos apenas para mim, e devem ter poucos atrativos para os outros” (*WdB* III, 90).

31 *WdB* III, 108.

32 *WdB* III, 108.

Após esse parágrafo, Nietzsche acrescenta um outro, curto, que se resume a uma frase: “Enquanto planta, nasci próximo de um cemitério, enquanto homem, na residência paroquial”. Essa passagem parece se afinar com a fórmula, em forma de enigma [*Räthsselform*], com que Nietzsche reconhece seu destino em *Ecce Homo*: “como meu pai, já morri, como minha mãe, ainda vivo e envelheço”.³³ Se pudéssemos tentar uma aproximação entre esses dois textos tão distantes, encontraríamos o modelo orgânico, especificamente vegetal, como a metáfora (ou o *enigma*) da origem mais profunda de sua personalidade – a proximidade com a morte, especialmente a do pai – contraposta à sua vida histórica, que se inicia (Nietzsche nasce em uma *Pfarrhaus* em Röcken, Licht der Welt) e se desenvolve no ambiente da casa paroquial, representada pela mãe (a família de Franziska Nietzsche se orientou muito mais veementemente à carreira eclesiástica, enquanto a de Karl-Ludwig, pai de Nietzsche, à sua exceção, se firmou no ramo comercial ou industrial).³⁴ Esse par origem paternal/educação maternal também se desdobrará ao longo do pensamento de Nietzsche sob diferentes formas. Indicamos aqui apenas a prematuridade do tema. Sobre ele, nos remetemos mais uma vez a Jacques Derrida³⁵ e às leituras de Pierre Klossowski em torno das autobiografias de juventude de Nietzsche e do modo como elas denunciam o que ele denomina a “sombra paternal”³⁶.

Percebe-se assim o quanto se modifica o projeto inicial da autobiografia. Procedendo por um alargamento progressivo da função mesma da narrativa – registrar, interpretar, reconhecer a origem primitiva e, enfim, universalizar – Nietzsche revela para si mesmo o difícil aprendizado da relação entre vida e educação. Na derradeira autobiografia, de 1864, ele reconhece o fim de um ciclo: em breve deixará Pforta para ingressar na Universidade de Bonn e um longo caminho, no qual ele aprendeu a se reconhecer, é deixado pra trás³⁷. Não como um fardo que

33 *KSA* VI, 264.

34 Sobre o ambiente em que Nietzsche nasceu e o conflito – ou a diferença – entre a visão do pai e a da família da mãe, cf. GOCH, K., “Franziska Nietzsche in Röcken – Ein Blick auf die deutsch-protestantische Pfarrhauskultur” in *Nietzschebeforschung*, Bd. 2, pp. 107-140.

35 Derrida (1978a, p. 60-69).

36 Cf. Klossowski (1978, p. 253-284).

se abandona, mas como o passado que não deixará de se apresentar. Pois o passado deve vir se alojar no presente sem que precisemos, a todo tempo, reescrever os gestos que o compõem: um pouco como Bergson, esse passado deve se dar no presente como *ação*. Essa *memória ativa* é o desdobramento de uma *memória reflexiva* como segunda natureza:

Que se pense em um soldado de infantaria, que começou a ter medo de esquecer completamente como andar quando ficou preocupado com a consciência com que deve erguer o pé, e, ao mesmo tempo, manter os erros diante dos olhos. Isso depende de que ele venha a formar [*anzubilden*] nele uma segunda natureza, para que ele ande, assim, livre como antes.³⁸

É a esse estágio que Nietzsche pretende já ter erguido sua *Bildung*, quando, em 1867, na universidade de Leipzig, ele se propuser a falar de sua história. E se ainda se olha para trás, já não é mais para percorrer o caminho de volta, mas para identificar a legitimidade do presente. Do passado, apenas o mínimo, como que por polidez para com esse leitor que nada sabe sobre aquele de cuja própria vida se propõe a falar: “Desejo considerar [*betrachten*] a mim mesmo, e como não devo começar com um abrupto ‘hoje’, remeto, antes, a algo sobre o percurso dos dois últimos anos”³⁹. Como se a autobiografia atingisse, enfim, a encruzilhada onde pressentimos outros rumos; onde ela deveria encontrar, enquanto tal, seu fim. Para fazer surgir novas trilhas.

A vida, a educação. A recorrência e a incompletude dos textos com os quais ele pretende se dar uma vida, reconhecer a espessura de seu nome, apenas atestam o esforço do percurso que os reúne. Parte fundamental na construção de toda sua filosofia, o ensaio autobiográfico serve-lhe de limite. Mais de vinte anos depois, a *Genealogia da moral* ridicularizará o caráter prudente dos biógrafos comprometidos com a

37 Cf. *WdB* III, 116-118.

38 *WdB* III, 127.

39 *WdB* III, 127-128.

verdade⁴⁰. Mas o escárnio de Nietzsche não cessará de revelar a urgência dessa tarefa cada vez mais abrangente que quer resgatar a legitimidade da vida e a imprevisibilidade de sua trajetória – embora não mais em nome de uma origem universal, certamente, como nos anos de aluno e de professor universitário, mas para fazer do pensamento filosófico um trabalho biológico. Mesmo porque, de todas as autobiografias de Nietzsche, a única definitiva talvez tenha sido escrita no silêncio. E sem o socorro de uma assinatura.

Give Oneself a Life: autobiography as philosophical methodology in the young Nietzsche

Abstract: At the carrefour between the stylistic dimension and the positive content of the philosophical thesis in his works, *autobiography* rises as the device according to which both of them are reunited, becoming indissociable. This procedure is obvious in texts like *Ecce Homo*, but it is already present in older works, like the autobiographical essays from his secondary school time. The analysis of how, at this point, the problem of the writing of oneself as a political-philosophical practice comes up, can lead us to propose a coherent strategical principle to the reading of Nietzsche’s writings as “work”.

Key-words: Nietzsche – autobiography – *Bildung* – philosophical methodology.

Bibliografia

- BACKÈS, J.-L. Préface. In: NIETZSCHE, F. *Premiers écrits*, Paris: Le cherche midi, 1994.
- DEL CARO, A. *Nietzsche contra Nietzsche*. Louisiana: Louisiana State University Press, 1989.
- DERRIDA, J., *Éperons – les styles de Nietzsche*. Paris: Flammarion, 1978a.
- _____. *Otobiographies*. Paris: Galilée, 1978b.

40 Terceira dissertação, 19 (*KSA*, V, 384-387).

- GERHARDT, V. *Friedrich Nietzsche*. München: C. H. Beck, 1992.
- GOCH, K. Franziska Nietzsche in Röcken – Ein Blick auf die deutsch-protestantische Pfarrhauskultur. *Nietzscheforschung*, Bd. 2, 1995.
- KJAER, J. Die Relevanz der Berücksichtigung von Nietzsches Kindheit beim Interpretieren und Gebrauch seiner Philosophie. *Nietzscheforschung*, Bd.1, 1994.
- KLOSOWSKI, P. *Nietzsche et le cercle vicieux*. Paris: Mercure de France, 1978.
- LACOUÉ-LABARTHE, Ph. Le détour. *Poétique*, v. 5, 1971.
- MONTINARI, M. Intepretações nazistas. *Cadernos Nietzsche*, v. 7, 1999.
- NIETZSCHE, F. *Briefwechsel*. Hrgb. von Colli, Montinari, 16 Bände. Berlin und New York: De Gruyter, 1974-84.
- _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden*. Hrgb. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Munchen, Berlin und New York: Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1980.
- _____. *Werke in drei Bänden*. Hrgb. von K. Schlechta. München: C. Hanser, 1956.
- ROSSET, C. *Schopenhauer, philosophe de l'absurde*, Paris: PUF, 1967.
- SCHOPENHAUER, A. *Parerga und Paralipomena*, zweiter Band. In: *Sämtliche Werke*, sechster Band. Leipzig: Brockhaus, 1877.
- SIMONIS, Linda. Der Stil als Verführer: Nietzsche und die Sprache der Performativen. *Nietzsche-Studien*, Bd. 31, 2001.